

PE. JOSÉ BORTOLINI

SÃO JOSÉ,

HOMEM JUSTO, ESPOSO E PAI





SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 7 |
| 1. Apresento-lhes José, esposo de Maria | 11 |
| 1.1. Significado do nome José | 11 |
| 1.2. José é judeu e se torna importante santo venerado pelos cristãos | 12 |
| 1.3. Descendente do rei Davi | 13 |
| 1.4. O último patriarca..... | 17 |
| 1.5. A comunicação divina mediante os sonhos..... | 18 |
| 1.6. Imagem tradicional de São José: a presença de lírios brancos e o Menino Jesus no colo..... | 20 |
| 1.7. Em outras expressões artísticas | 23 |
| 2. O que os Evangelhos afirmam a respeito de José..... | 27 |
| 2.1. Evangelho de Marcos | 27 |
| 2.2. Evangelho de Mateus..... | 29 |
| 2.3. Evangelho de Lucas..... | 37 |
| 2.4. Evangelho de João..... | 41 |
| 3. São José na Liturgia e na vida da Igreja..... | 43 |
| 3.1. Duas comemorações | 43 |

| | |
|---|----|
| 4. Patrocínios | 47 |
| 5. O que aprendemos com São José..... | 49 |
| 6. Indicações para a novena a São José..... | 51 |
| Índice das citações bíblicas | 55 |



INTRODUÇÃO

“A memória do justo é para sempre” (Salmo 112,6). Podemos estar certos: se os homens conhecessem e imitassem São José, o mundo seria melhor, muito melhor. Se olhássemos mais a vida de São José, a vida em geral não seria tão maltratada. Se conhecêssemos mais a história do pai adotivo de Jesus, não haveria tanta injustiça. Se, como o esposo de Maria, nos calássemos um pouco para falar menos, nossa história seria menos ostensiva, porém, teria maior conteúdo. Se, como José, tivéssemos braços para acolher crianças, não haveria tantos abandonados...

“A memória do justo é para sempre.” Mas não é verdade que ou não temos memória, ou, se a tínhamos, acabamos perdendo-a? Sociedade sem memória não faz história. Em parte, foi para resgatar a memória que o Papa Francisco, no dia 8 de dezembro de 2020, publicou a Carta Apostólica *Patris Corde*, por ocasião do 1500 aniversário da declaração de São José como Padroeiro Universal da Igreja.

Mas isso não é suficiente para o resgate da memória de São José, nem sequer um ano a ele dedicado. Requer buscar nessa fonte, cotidianamente, a água viva que, ao mesmo tempo que sacia nossa sede, a estimula sempre mais.

O texto que você tem agora nas mãos não quer ajudar apenas durante o ano no qual damos especial atenção a São José. Ele veio para ficar e somar esforços para que o bem cresça e vença. No Novo Testamento não vemos José falando, sua vida é feita de silêncio. Porém, seu exemplo deve falar alto, transformar para melhor as famílias. São José não discutiu a relação com Maria. Isso não significa que não possam ter vivido momentos tensos nos quais um pensava diferente do outro. Mas a atitude de José no episódio da gravidez de Maria é emblemática.

Antes de dedicar este livrinho aos casais, preciso revelar duas coisas. Primeira: vivi tempos de incredulidade quanto à duração das uniões matrimoniais. A experiência pastoral, o contato com casais, fizeram renascer dentro de mim a certeza de que há muitos casos de fidelidade a toda prova. Nas celebrações eucarísticas, convido sempre os casais aniversariantes para que, se estiverem de acordo, renovem seu compromisso matrimonial. E os resultados são animadores, não só pelo número de casais que aceitam esse convite, mas também pela alegria com que o fazem.

A segunda coisa que tenho a revelar é esta: considerando a quantidade de casais que vivem aos trancos e barrancos sua vocação matrimonial, depois que me foi revelado o “amigo” que me acompanha, ou seja, a doença que faz parte da minha caminhada, resolvi suportar e entregar a Deus todo sofrimento, as relações rompidas, para que os casais tenham o espírito de José, esposo de Maria.

Dedico este livrete a todos os casais, para que sejam, como foram desde o início, embaixadores do amor de Deus na terra. Quero ajudar a superar os conflitos, lembrando aos casais que a vida matrimonial é um dos caminhos para a santidade.

A memória do justo é para... VOCÊ.



I. APRESENTO-LHES JOSÉ, ESPOSO DE MARIA

1.1. Significado do nome José

José é nome hebraico (*yôsef*) que expressa um desejo da pessoa em relação a Deus: *Que ele (Deus) acrescente*. Aparentemente tema sem importância. Mas há um episódio no Antigo Testamento capaz de projetar luz sobre essa questão.

A partir de Gênesis 33,31, assistimos à disputa das duas mulheres de Jacó – Raquel e Lia – para ver qual delas vence o desafio de ter mais filhos. À medida que nascem filhos homens, as duas se sentem cada vez mais abençoadas por Deus, pois superaram o perigo ameaçador da esterilidade, que é um impedimento de participar do crescimento numérico do povo de Deus, antes que Jesus trouxesse novidade a respeito.

Acontece que Raquel – a esposa amada de Jacó – é estéril. No afã de ter mais filhos, as duas cedem cada qual a própria serva ao patriarca, a fim de terem filhos mediante

as servas. Lia entregou a Jacó sua serva, e ela gerou filhos para sua senhora: Rúben, Simeão, Levi e Judá.

Raquel, a amada, era estéril. Cedeu sua serva Bala ao patriarca Jacó, e dessa união nasceram filhos: Dã, Neftali.

Quando Lia não tinha mais condições de gerar filhos, entregou ao patriarca sua serva Zelfa, e dessa relação nasceram Aser, Issacar e Zabulon...

Mais tarde, Raquel superou a esterilidade e deu à luz José e Benjamim. Gênesis 30,22 revela: “Então Deus se lembrou de Raquel: ele a ouviu e a tornou fecunda. Ela concebeu e deu à luz um filho e disse: ‘Deus retirou minha vergonha’; e ela o chamou José, dizendo: ‘Que Javé me dê outro’”.

Mostrei essa intrincada rede de relações – não considere importante apresentá-la totalmente – simplesmente para que se perceba como o nome José está desde o início implicado com a vida, é parte da luta para o surgimento da vida e sua defesa. Não sei se essa consciência estava presente quando surgiram os Evangelhos. Para nós, que conhecemos o lá e o cá, tudo isso acaba enriquecendo a exposição sobre São José.

1.2. José é judeu e se torna importante santo venerado pelos cristãos

Este é um tema raramente presente em nossas reflexões. Todavia, é importante que se torne familiar, pois esconde extraordinária riqueza.

Sabemos todos que o Antigo Testamento se encerra com a chegada de Jesus, o iniciador do Novo Testamento. As personagens que participam da passagem nasceram todas no período de expectativa para a chegada do Messias, embora, como no caso de Simeão (Lucas 2,29-32), o Antigo Testamento, do qual o ancião é figura, já possa tomar nos braços o Novo (Jesus), declarando ter alcançado o máximo de felicidade, além da qual a vida nesta terra não pode oferecer.

Portanto, Maria e José, Zacarias, João Batista e Isabel, Simeão, Ana e os doze apóstolos em geral, e todos os que nasceram antes de Jesus pertencem ao Antigo Testamento, tempo de promessas.

Alguns desses nomes citados são considerados e celebrados quais santos, merecedores de culto e nossos intercessores. É o caso dos pais de Maria (segundo um Evangelho apócrifo se chamavam Joaquim e Ana); Maria (em suas inúmeras facetas); José (celebrado duas vezes ao ano); João Batista (dele são celebrados o nascimento e o martírio).

O Antigo Testamento não é obstáculo para que o cristão alcance a santidade.

1.3. Descendente do rei Davi

Há um texto extremamente importante nesse aspecto. Trata-se de 2 Samuel 7. Os cristãos ligados ao evangelista Mateus nos deram o Evangelho do mesmo

nome. Mais que qualquer outro Evangelho, associavam Jesus a rei, ou seja, defendiam a ideia da realeza do Senhor, firmados na convicção de 2 Samuel 7. Lá acontecia o seguinte: depois de alcançar certa estabilidade no seu trono, o rei Davi, habitando uma casa luxuosa, sentiu uma espécie de escrúpulo, pois a Arca da Aliança – símbolo da presença de Deus no meio do povo – se encontrava sob uma tenda. E resolve construir uma *casa* para Javé, ou seja, o Templo, que mais tarde será tarefa de seu filho Salomão.

O profeta Natã concorda com o pensamento e as palavras do rei, incentivando-o a levar adiante o projeto. Mas, não se passaram 24 horas, e o profeta, em nome de Deus, se reapresenta para corrigir os planos do rei. Aqui é preciso prestar atenção na palavra *casa*, com seus diferentes significados. *Casa* pode ser uma construção ou moradia, mas pode também significar *dinastia*. Davi pretende construir uma *casa* (moradia) para a Arca, e Deus promete construir uma *casa* (dinastia) para Davi e seus sucessores. A *casa-dinastia* começa com Davi, continuando em seu filho Salomão e seus sucessores.

No ano 931 Salomão morre, e o império se divide entre Reino do Norte (formado por dez tribos) e Reino do Sul (tribo de Judá, com a anexação da tribo de Simeão). O primeiro rei de Judá foi Roboão, filho de Salomão, e assim será até o fim do Reino do Sul, quando ele foi levado para o cativeiro na Babilônia

(ano 586 antes de Cristo), exceto o breve período em que reinou uma mulher, Atalia (841-835), que, além disso, não era filha de um rei de Judá.

A monarquia, e conseqüentemente a dinastia de Davi, desapareceu no exílio babilônico (586-538), mas, como brasas acesas debaixo de cinzas, a esperança do ressurgimento do Messias (palavra que significa *ungido*, quase sempre referida ao rei) não morreu. E, no tempo do Novo Testamento, os dominadores romanos estavam alertas para deter quaisquer movimentos messiânicos que pipocavam um pouco por tudo e brotavam rapidamente como os cogumelos após a chuva.

O evangelista Mateus é quem mais se preocupa com esse detalhe (voltaremos a isso adiante). Na lista dos antepassados (Mateus 1,1-17), o período contemplado vai de Abraão até José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus. Tal período é dividido em três etapas: o período patriarcal, que se encerra com Davi, o período monárquico, apresentando forçadamente (veja adiante) a época dos reis de Judá, realizando dessa forma a sucessão da dinastia, e o período posterior ao exílio, sem reis. Nesse período, as autoridades judaicas comparecem sem detalhes – isso dificulta em parte a identificação – até chegar a José, ponto final da dinastia.

José, portanto, é descendente de Davi, o rei que recebeu a promessa e iniciou a dinastia. Mateus 1,20 deixa isso claro desde o início, chamando-o de “filho

de Davi”. Sendo descendente de Davi, basta que acolha Maria e o menino, para que também este seja declarado “filho de Davi”. E é isso que o povo anuncia vendo as ações em favor da vida realizadas por Jesus. Com razão, Jesus é aclamado como Messias, do começo ao fim do Evangelho de Mateus. Vejamos:

- Mateus 9,27: Partindo Jesus dali, puseram-se a segui-lo dois cegos, que gritavam e diziam: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”.

- Mateus 12,23: Toda a multidão ficou espantada e pôs-se a dizer: “Não será este o Filho de Davi?”.

- Mateus 15,22: Eis que uma mulher cananea, daquela região, veio gritando: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim...”.

- Mateus 20,30-31: E eis dois cegos, sentados à beira do caminho. Ouvindo que Jesus passava, puseram-se a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós” ... mas eles gritavam ainda mais alto: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós”.

- Mateus 21,9a.15: As multidões que o precediam e os que o seguiam gritavam: “Hosana ao Filho de Davi!” Os chefes dos sacerdotes e os escribas, vendo... as crianças que aclamavam no Templo “Hosana ao Filho de Davi!”...

Além disso, veja como em Mateus 22,41-46 Jesus transtorna a pretensa sabedoria das lideranças judaicas mediante um quebra-cabeça envolvendo o mesmo tema.